



***OS EMBLÈMES OU DEVICES
CHRESTIENNES VANGUARDISTAS DE
GEORGETTE DE MONTENAY: UMA
RELIGIO CORDIS IMAGÉTICA CALVINISTA***

Helmut Renders

Professor da Faculdade de Teologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

RESUMO

Este ensaio apresenta o livro de *Emblèmes ou devises chrestiennes*, de Georgette de Montenay, como uma extraordinária voz feminina na fase inicial do calvinismo, oferecendo uma releitura da *religio cordis* na tradição dos reformadores Lutero e Calvino, no formato de um livro emblemático. Com isso, a dama de honra de Jeanne d'Albret, a Rainha de Navarra, apresenta para os círculos humanistas e aristocratas da época as ênfases protestantes no momento em que a sociedade francesa estava discutindo seu futuro religioso. Aparece, uma mulher moderna, assumindo o seu papel na história, competente no domínio de novas técnicas de comunicação e clara na sua articulação e posição teológica.

PALAVRAS-CHAVE

Calvinismo; Georgette de Montenay; livros emblemáticos; *emblèmes ou devises chrestiennes*; mulher protestante.

1. INTRODUÇÃO

Como parte da nossa pesquisa de pós-doutorado sobre raízes, mentalidades e projetos da *religio cordis*, da religião do coração (RENDERS, 2011), especialmente em suas expressões iconológicas, encontramos também interessantes exemplos do ambiente calvinista. Entre eles, o caso do brasão do próprio

Calvino e uma obra inovadora, tanto em termos formais quanto em seu conteúdo, escrita por uma mulher: Georgette de Montenay (1540-1581). Para entender melhor a sua extraordinária contribuição, lembramos, primeiro, da forma religiosa usada por ela, a *religio cordis*; depois, do formato literário do qual ela se apropriou, o dos livros emblemáticos; e, finalmente, introduzimos a sua obra, seus *Emblèmes ou devises chrestiennes*, apontando alguns detalhes.

2. RELIGIO CORDIS NO CATOLICISMO

A *religio cordis* foi um fenômeno importante no cristianismo desde Agostinho de Hipona (354-430)¹. Oitocentos anos depois, eram mulheres como as cistercienses Mechthild de Magdeburgo (1207-1282), Gertrudes de Hefta (1256-1302) e a dominicana Catarina de Siena (1347-1380) que criavam em suas obras um profundo e durador vínculo entre a religião do coração e a mística cristã (WEISS, 2004, p. 2005-2054). O que foi articulado até a morte de Catarina de Siena somente por textos ganhou, logo depois, uma imensa popularidade a partir da representação por pinturas e figuras, especialmente nos séculos XV e XVI. O próximo grande momento da *religio cordis* no catolicismo ocorreu quando foi usada para expressar a sua essência confessional diante da reforma protestante. Os jesuítas formularam sua *theologia cordis*; Teresa de Ávila (Figura 2) fundou as carmelitas descalças e referiu-se à

¹ Conhecida é a sua afirmação do início das suas Confissões: *Fecisti nos ad te et inquietum est cor nostrum, donec requiescat in te* (Fizeste-nos para ti e inquieto está nosso coração, enquanto não repousa em ti). Para a iconografia posterior mais relevante, é a citação do segundo parágrafo do nono livro das suas confissões: *Sagittaveras cor nostrum caritate tua* (O nosso coração foi ferido [como por uma flecha] por teu amor). Provavelmente trata-se de uma referência aos Cânticos 4.9, segundo a tradução da Vulgata: *vulnerasti cor meum* (Tu feriste o meu coração). Anota-se que essa tradução não se confirma pelo sentido original do verbo bb;l' (*lavav*) usado no hebraico, que pode ser traduzido por “fazer bater mais rápido o coração”, “roubar o coração” (essas traduções encontram-se na *King James Version* e *Lutherbibel*), “encorajar o coração”, ou no nível mais abstrato, “tomar conhecimento” e “sentir”.

transverberação do coração, já conhecida por Gertrudes de Hefta (Figura 1), e os franciscanos relacionaram a experiência fundante da recepção dos estigmas com a mística do coração². Assim chegou também ao Brasil colonial.

Figura 1 – Gertrudes de Hefta, século 17. Barro cozido, São Paulo



Fonte: Acervo do Museu de Arte Sacra de São Paulo.

Figura 2 – Forro da Igreja da Nossa Senhora do Carmo em Sabará, MG, 1763



Fonte: Foto de Marina de Melo Franco Costa Reis.

No seu quarto momento, no século XVII, a *religio cordis* apareceu em uma variante francesa da então nova devoção do sagrado coração de Jesus. As visões de Margarida Maria Alacoque (1647-1690) foram defendidas pelos jesuítas e, aos poucos, transformadas em uma “devoção militante *par excellence*” (MENOZZI, 2001, p. 137). Sofreu uma forte politização como “devoção do rei” na luta contra a revolução francesa, e, depois de 1850, como expressão espiritual da romanização da Igreja Católica e da luta ultramontanista contra a perda do lugar privilegiado como igreja na sociedade, foi promovida como “a” espiritualidade católica.

² Assim, por exemplo, o programa imagético da fachada da Igreja de São Francisco de Assis, São João del Rei, de 1774. Na parte superior, Francisco recebe as chagas; na parte sobre o portal, encontra-se o coração, ferido, cercado pelas mãos e pés feridos.

3. RELIGIO CORDIS NO PROTESTANTISMO

A popularidade da *religio cordis* no ambiente da reforma protestante evidencia-se pelo fato de que dois dos três grandes reformadores, Martim Lutero (1483-1546) e João Calvino (1509-1564), tinham um brasão, ou anel de selo, contendo um coração.

Figura 3 – Selo de Lutero de 1530



Fonte: Selo original (2012).

Figura 4 – Selo de Calvino de 1540³



Fonte: Selo pessoal (2012).

Essa apreciação da *religio cordis* pelos dois líderes do protestantismo da reforma requer uma explicação. Como ela se relaciona com a ênfase da reforma católica na forma mística da *religio cordis* como um modelo claramente alternativo à proposta protestante, considerado “racional”? Como ela combina com a rejeição inicial do misticismo neoplatônico, especificamente da obra do Pseudo-Dionísio, o Areopagita, pelo protestantismo?

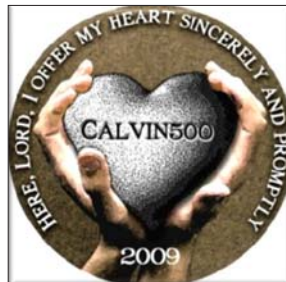
De fato, apresentam Lutero e Calvino uma releitura significativa da *religio cordis*. Sua ênfase na vida religiosa cotidiana levou-os a vincular o aspecto interior – normalmente representado pelo coração – com o aspecto exterior da fé cristã. Com isso, o “drama” verdadeiro da vida religiosa não acontece predominantemente na intimidade da pessoa com Deus, mas

³ Em relação à mão, os pesquisadores não chegaram a uma conclusão. Alguns identificam no selo de Calvino a mão de Deus (SELDERHUIS, 2009, p. 29; GROSSE; SIERSZYN, 2011, p. 29); outros, a mão do próprio Calvino (HENRY, 1853, p. 31; McKEE, 2001, p. xvi). Na linguagem iconológica estabelecida, existem duas formas claras: uma mão saindo de uma nuvem é de Deus (Figura 6), duas mãos segurando o coração representam o ser humano (Figura 5). A dúvida é então causada pelo fato de ser uma só mão.

na execução da sua crença religiosa no dia a dia. Além da *fides qua* e da *fides quae*, a fé em que e com que se acredita, agora entende-se fé como algo que leva à ação, ou, nas palavras paulinas, enfatiza-se a fé que atua pelo amor⁴. Corresponde a isso, em Lutero, a sua ênfase na profissão como trabalho não religioso, porém, no espírito do Evangelho, professando no cotidiano suas convicções mais profundas e, em Calvino, sua preocupação com a disciplina e a ética, por exemplo, expressa pela sua introdução do *tertio usus legis*, ou terceiro uso da lei, no sentido de um *usus didacticus* ou *usus renatis*, uma orientação prática para os(as) renascidos(as)⁵.

O coração simboliza, para Martim Lutero, no sentido mais restrito, a vida como existência da pessoa em sua totalidade. Isso é perceptível também na sua tradução de *cor incurvatum* (coração encurvado) de Agostinho por *homo incurvatus in se ipsum* (ser humano encurvado sobre / em si). Parte dessa existência plena é o não se encurvar sobre si, para fugir do perigo da “autodeificação e deificação do mundo” (BRUNNER, 2002, p. 25)⁶, elemento visivelmente antientusiasta ou antimisticista. Da mesma forma, expressa o lema de Calvino uma atitude de serviço: *cor meum tibi offero domine prompte et sincere* (Ofereço-te meu coração, Senhor, pronta e sinceramente).

Figura 5 – Selo comemorativo “300 anos do nascimento de J. Calvino” de 2009



Fonte: Selo de Calvino (2012).

⁴ Temos aqui uma tendência que já a vertente espiritual da *devotio moderna* reclamou e que, por sua vez, não por acaso é considerada, junto ao movimento humanista, um movimento pré-reformador. Essa relação se manifesta também na alta apreciação pelo protestantismo da expressão máxima da *devotio moderna*, a *Imitatio Christi*, de Tomas a Kempis.

⁵ O que, posteriormente, John Wesley expressaria como “religion of heart and life”, religião do coração e da vida.

⁶ Brunner, como Rubem Alves (1975, p. 135), lia como citação de Lutero *cor incurvatum*. Isso não nos parece exato (cf. LUTHER, 1968, p. 187).

Esta atitude pode ser demonstrada no calvinismo também por um imaginário mais teocêntrico, iconologicamente articulado pela combinação de uma mão com uma nuvem (DOUMERGUE, 1909, p. 75). Entretanto, tal combinação parece ser rara.

Figura 6 – Selo comemorativo “200 anos do nascimento de J. Calvino”



Fonte: Doumergue (1909, p. 75-76).

Uma última variação disso representa a iconografia encontrada numa agenda da Igreja Presbiteriana Independente. A iconografia acompanha a descrição de Calvino como “teólogo do coração”, encontrada, por exemplo, em Partee (2008, p. iv). Na Figura 6, identificamos a típica combinação entre lema e imagem. A questão do “dono” da mão depende da identificação ou não de uma manga que nos parece sutilmente aparecer no desenho. Nesse caso, seria claramente uma mão humana.

Figura 7 – Brasão de Calvino do Anuário da IPI de 2009



Fonte: Calvino (2012).

A novidade é a reprodução de um coração com “chamas” (Figura 7). Ela encontra-se mais na iconografia mística e é característica para a iconografia jesuíta, carmelita, mas, ocasionalmente, também luterana (especialmente Jacob Boehme). No século seguinte, ainda na fase da sedimentação da reforma protestante e da configuração da reforma católica, a *religio cordis* seguia novamente por caminhos católicos e protestantes distintos, apesar de que os dois se apropriariam da mesma forma de uma invenção congênere da época: os livros emblemáticos.

4. LIVROS EMBLEMÁTICOS

O formato do livro emblemático talvez seja a representação mais original do espírito renascentista. Foi o italiano Andrea Alciati (1492-1550)⁷ quem criou este *genre novo*, em 1531, na França (RUSSEL, 1981, p. 534-554).

A palavra emblema vem do grego *emblemma* (emblema) e pode significar a parte da lança onde se encravava o ferro; algo embutido; ou mosaico. E é, exatamente, isso que temos diante de nós: um amalgamento *iconológico* que, à semelhança do mosaico, não pode ser visto num relance como uma mensagem que se abre e é logo descartada (BRANDÃO, 2009, p. 128).

Segundo Bombassaro (2006, p. 88),

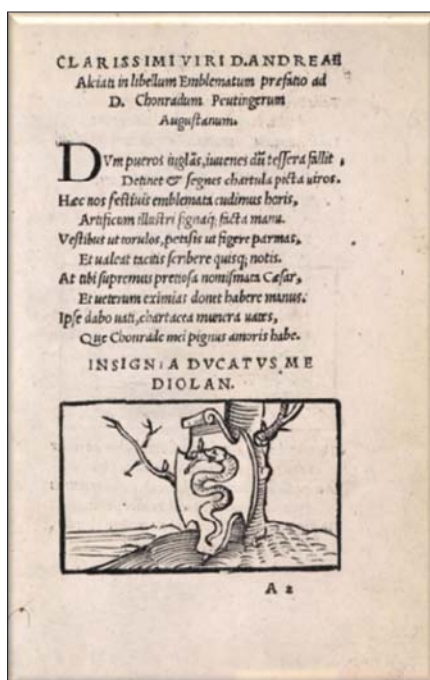
[...] a emblemática surge como uma nova forma de linguagem capaz de reunir o elemento figurativo e o elemento reflexivo, a imagem e o conceito, também tendo em vista a persuasão e o convencimento do leitor, do ouvinte e do espectador”. [...] Estruturalmente, os emblemas são constituídos por três elementos, que podem ser claramente diferenciados: a) um lema (*inscriptio*), que dá o título ao emblema; b) a imagem simbólica (*pictura*), que consiste numa incisão gráfica ocupando a

⁷ Calvino conhecia Alciati como seu professor em Bourges. Ele era um famoso conhecedor e intérprete da lei romana. No ano da publicação dos Emblemas, 1531, Calvino foi a Paris, abandonando o estudo da advocacia e se dedicando à teologia. Provavelmente, então, tomou conhecimento da sua produção.

parte central do emblema; e c) o epigrama (*suscriptio*), em forma de verso, prosa ou diálogo, que explica a imagem. [...] os livros de emblemas devem ser tomados como um caso exemplar de combinação entre imagem e conceito, pois mostram, de modo inquestionável, a indissociabilidade entre o signo, o significante e o significado.

O livro emblemático de Alciati (Figura 8) representa em muito a forma de pensar da sua época⁸, embora seja obra de um indivíduo.

Figura 8 – Alciati, 1531, emblema 1



Fonte: Alciati (2012).

Alciati envolve seus leitores e suas leitoras na interpretação, não exige ou promove qualquer tipo de uniformidade de leitura. Assim, seus emblemas requerem análise, conhecimento cultural, o uso criativo de fantasia e a força de síntese, não mera contemplação de palavras e imagens. O olhar se une ao pensar,

⁸ Alciati marcou tanto a cultura que, em escolas jesuítas, se aprenderia a criar emblemas (RUSSEL, 1981, p. 534).

a um movimento investigativo, resultando em uma construção do saber. Talvez seja essa a razão porque o tema específico do nosso artigo, a religião do coração, não aparece em Alciati, nem através do texto, nem por meio dos emblemas⁹.

Fica claro que o novo formato com sua combinação “indissociável” da imagem com o texto representava um desafio interessante para as confissões cristãs. Conseqüentemente, o catolicismo optou pela soberania da imagem sobre a escrita, enquanto o protestantismo favoreceu a palavra antes da imagem.

Isso fica evidente quando estudamos a obra *Emblèmes ou devises chrestiennes* (1567-1571), de Georgette de Montenay (1540-1581). Criada 30 anos depois da de Alciati, ele representava em diversos sentidos uma inovação. Além de ser a primeira mulher a ter criado um livro emblemático, ela não fez somente parte do grupo dos primeiros criadores do *genre* dos livros emblemáticos cristãos¹⁰, mas foi a primeira pessoa a desenvolver nesse formato o tema da *religio cordis*¹¹. Seu livro elaborado ao redor de 1561, porém lançado somente depois da paz cedida pelo Edito de Saint-Germain em 1570 (ADAMS, 2003, p. 10) – e um ano antes da noite de São Bartolomeu, o massacre entre protestantes em Paris em 1572 –, tornou-se popular em toda a Europa.

Em termos iconográficos, a autora segue o modelo de composição de Alciati e combina *inscriptio, pictura e suscriptio*. Além, disso, mantém a tradição da *religio cordis* dos reformadores, ou seja,

- a representação do coração de forma maciça como representação da existência humana na sua totalidade (não de forma oca)¹²;

⁹ A sua obra lista, em grande parte, virtudes e vícios, mas fala também de astrologia, príncipes, república, ciência e árvores. Uma orientação rápida sobre o seu conteúdo oferece a página Corpus Automatum Multiplex Electorum Neolatinitatis Auctorum (CAMENA) da Universidade Mannheim, Alemanha.

¹⁰ Para o texto em forma expressa veja Reynolds-Cornell (1987).

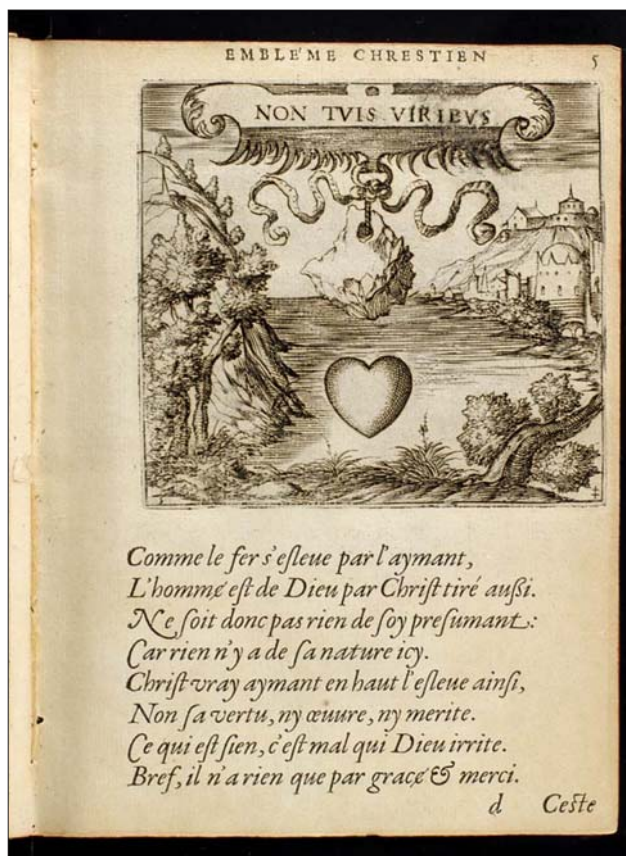
¹¹ O livro dela é 16 anos mais antigo do que o livro de Antônio Wierix. Els Stronks (2010, p. 219) refere-se até, de forma geral, ao livro emblemático religioso mais antigo.

¹² A reforma católica prefere o coração oco ou em chamas, para destacar os processos religiosos interiores, invisíveis, comoventes e tocantes. Conseqüentemente, desaparece nessa iconografia o mundo. Veja Renders (2009, p. 137-413).

- a representação de Deus (*extra nos*) em distinção do ser humano, mas, interagindo com o ser humano;
- a representação do mundo como ambiente da atuação do ser humano.

Veja a Figura 9:

Figura 9 – Emblema “*Non tuis vireus*” (“Não a sua força”)



Fonte: Montenay (1570, p. 5).

O *inscriptio* – o lema: “*NON TUIS VIREUS*” – é integrado na *pictura*. Ela é composta por um ímã, um coração maciço, uma paisagem com montanhas, campos e árvores e partes de uma cidade. É nesse mundo que o protestante se move pela graça de Deus e pela mesma graça transforma; o ímã ocupa o centro da gravura; *inscriptio*, ímã e coração, a coluna central. O *suscriptio* afirma essa interpretação:

O ferro é atraído pela força do ímã, e o ser humano, através da compaixão de Deus, é atraído a Cristo. Então você não deve esperar viver por sua própria força, mas aprender que a vida foi sendo concedida a você através do dom de Deus¹³.

Observe a representação do ser humano pelo coração e do divino, pelo ímã, ou seja, como força atraente, a qual corresponde o evangelho. Dentro desse propósito, existem leves variações da representação do ser humano. Em diversos emblemas, pessoas apresentam o seu coração no sentido da sua existência (figuras 9¹⁴, 10 e 13).

Figura 10 – Emblema “Vae” (“Aflição”)



Fonte: Montenay (1570, p. 34).

Nas figuras 9 e 10 aparece Deus de uma forma mais direta do que na Figura 8. Considerado morador do céu, preserva a nuvem seu mistério. O que se sabe de Deus é revelado¹⁵.

¹³ Texto explicativo original: “Comme le fer s’esleve par l’aymant, / L’homme est de Dieu par Christ tiré aussi. / Ne soit donc pas rien de soy presumant: / Car rien n’y a de sa nature icy. / Christ vray ayment en haut l’esleve ainsi, / Non sa vertu, ny oeuvre, ny merite. / Ce qui est sien, c’est mal qui Dieu irrite. / Bref, il n’a rien que par grace & merci.”

¹⁴ A partir desse emblema, reproduzimos somente a *pictura* com o *inscriptio* sem o *subsriptio*.

¹⁵ Talvez seja isso também sinal da rejeição de uma teologia natural e da compreensão católica do livre-arbítrio. A ênfase na graça (Figura 8) – em contraste com a natureza ou a capacidade natural do ser humano de conhecer e amar Deus – indicaria a mesma direção.

Assim, aparece ou uma mão¹⁶ que surge das nuvens (Figura 10) ou o tetragrama JHWH em hebraico escrito numa nuvem (Figura 11).

Figura 11 – Emblema “*Impossible est*” (“É impossível”)



Fonte: Montenay (1570, p. 29).

Diferentemente da iconografia católica, em todo o livro o Diabo aparece somente uma vez. Ele é retratado em posição entre o ser humano e Deus (Figura 11). Entretanto, segundo esse emblema, o diabo não divide com Deus o poder no mundo. “É impossível”, fala da impossibilidade do ser humano oferecer seu coração tanto a Deus como a Satanás¹⁷.

¹⁶ Probes (2009, p. 169-170) vê na imagem da mão de Deus um elemento característico da autora: “Se incluímos o emblema em que a mão de Deus é compreendida, mas não representada artisticamente, 22 ocorrências de uma mão ou de mãos podem ser encontradas no álbum. Praticamente todos significam a orientação de Deus, a proteção, a redenção e santificação do crente”. Designar-nos-famos este elemento como classicamente calvinista, ou que mostraria certa autonomia da iconografia do brasão de Calvino.

¹⁷ Texto explicativo original: “Voicy qui fait d’un seul coeur deux offrandes: / Faisant partage entre Dieu & le diable. / O toy Chrestien, Dieu veut que tu entendes / Qu’il est jaloux, & n’est point supportable / De te souiller en chose abominable: / Car tu ne peux servir à deux seigneurs. / Or Dieu veut tout. car, n’estant partissable, / Des hommes veut & les corps & les coeurs”.

Dessa forma, a ênfase do emblema está na possibilidade humana de fazer escolhas certas ou erradas, não no poder do Diabo sobre o ser humano¹⁸.

Além disso, encontramos também uma leitura mais cristocêntrica do símbolo do coração. Na Figura 12, ele representa Cristo. É esse coração que está em chamas, localizado no topo de um pilar.

Figura 12 – Emblema “*Maxima*” (“A máxima”)



Fonte: Montenay (1570, p. 8).

Outro emblema cristocêntrico do livro (Figura 13) parte da iconografia das imagens da devoção das chagas, mais precisamente, da missa de Gregório¹⁹.

No entanto, das chagas não flui mais o sangue salvador, porém, a água da vida, à qual se aproximam pessoas doentes

¹⁸ Isso é muito diferente na iconografia católica, por exemplo, nos livros emblemáticos de A. Wierix e J. E. Gossner, nas quais o ser humano é retratado conduzido ou por Deus ou pelo Diabo.

¹⁹ Repare-se que da devoção das chagas à devoção do coração ferido de Jesus é um passo só. O mesmo vale pela identificação do ser humano com o sofrimento de Cristo através da recepção de estigmas relacionados e sua ênfase na *religio cordis*. Não por acaso refere-se a Mechtild, Gertrudes, Catarina de Siena, Teresa e João da Cruz como portadores de estigmas.

e necessitadas, talvez em uma combinação de Mateus 11.28 e Apocalipse 22.1.²⁰ De Jesus, nasce uma nova plenitude (segundo o *inscriptio* do emblema). A ênfase não está no pecado, mas na renovação ou no “renascimento”, um imaginário oportuno para um ser humano “renascentista”.

Figura 13 – Emblema “*Plenitudine eius*” (“Sua plenitude”)



Fonte: Montenay (1570, p. 3).

Na Figura 14, com o título *Bem-aventurados os de coração puro*, a purificação é feita pela mão de Deus (das nuvens), que se dirige ao coração ou o acolhe oferecido livremente pelo ser humano.

²⁰ Em uma obra de Benedikt van Haeften (1663, emblema 17) encontra-se uma imagem parecida. Por um lado, sai água das chagas de um anjo – uma característica de Haeften –, por outro lado, transforma-se essa água em uma chama que aparece na parte superior de um coração oferecido a ele. O emblema tem o título “A limpeza” ou “A purificação do coração”. Mais antigo do que Haeften é Wierix (1585/1586). No emblema 7 (Figura 12) dele, a água sai das chagas do menino Jesus, que se encontra dentro de um coração, e dois anjos seguram pessoas que recebem a água. Provavelmente, trata-se de uma referência a João 7.38. Como Wierix, o grande gravurista da reforma católica, é o exemplo católico mais antigo de uma *religio cordis* no formato de um livro emblemático, pertence a Montenay a honra de ter iniciado esta expressão da *religio cordis*.

Figura 14 – Emblema “*Beati mundo corde*” (“Bem-aventurado os puros de coração”)



Fonte: Montenay (1570, p. 81).

Distingue-se claramente, na interação entre o ser humano e Deus, os papéis, mas descreve-se uma relação como colaboração, não uma união mística que passa pelo total esvaziamento do eu em busca de ser plenamente enchido por Deus ou unido a ele. Não se troca o coração humano por um coração divino, apenas se limpa ou se purifica o mesmo pela mão divina. Resumimos que Montenay apresenta uma visão do sujeito religioso interagindo com Deus, cumprindo o seu papel no mundo, em grande proximidade com os acentos protestantes da reforma.

Pela escolha do meio, Montenay expõe essa teologia emblemática protestante justamente àqueles dois grupos-chave da sociedade renascentista francesa para o futuro do protestantismo no país: o intelectual renascentista (o mesmo endereço da obra de Alciati) e, sendo ela dama de honra de Jeanne d'Albret (1528-1572), os círculos aristocráticos²¹. De fato, o primeiro emblema do livro de Montenay – “Toda mulher sábia edifica a sua casa” – é dedicado à Rainha de Navarra. Ele tinha assumido a fé protestante em 1560 e tornou-se uma defensora pública da fé protestante até a sua morte. Até lá, já havia

²¹ Segundo Probes (2009, p. 171), o “emblema 30 incluía no grupo dos destinatários o jovem rei Charles IX, seus súditos e a própria França”.

mostrado um amplo interesse na religião. Seu poema *Espelho de uma alma pecaminosa* acabou sendo muito conhecido e, interessante, teve seu conteúdo aprovado por Calvino (1853, p. 38, 205, 207) ao redor de 1533 (enquanto os conselhos da Universidade Sorbone o condenavam). Apesar de essa obra ainda mostrar uma inclinação para a religião mística (SOMMERS, 1986, p. 29-39), talvez fosse essa fase justamente a fonte da ênfase na *religio cordis* que Montenay reinterpreta no seu livro. Porque há indícios que Jeanne d'Albret conhecia as obras das místicas alemãs Hildegard de Bingen, Elizabete de Schonau e Mechthild de Hefta e, assim, sua *religio cordis*²². Tudo indica, então, que a rainha servia como inspiração para a compreensão moderna da mulher. E como Montenay provavelmente sabia da sua aprovação pelo próprio Calvino, deveria sentir-se ainda mais motivada a expressar as suas convicções religiosas através de um novo meio, reinterpretando, na linha dos reformadores Lutero e Calvino, a tradição da *religio cordis*.

Sem dúvida, porém, é o fato de que seu empreendimento foi corajoso e inovador, o que levou Mathew-Grieco (1994, p. 80) a destacar que nos emblemas de Montenay transpareciam

[...] um modelo de uma feminidade formada e racionalmente soberana como uma visão de relações de gênero justas; ideias, porém, sem eco na sociedade, apesar do tremendo sucesso do seu livro.

Nesse sentido, Montenay dá continuidade à inovadora articulação da fé de Mechthild e Gertrudes de Helfta²³.

Mais uma vez, uma mulher se sobressai no início de uma nova fase da religião do coração e encontra na sua articulação

²² Sommer (1986, p. 30) lembra que “Quando Lefevre d’Etaples, que seria o *protégé* humanista de Jeanne d’Albret, incluiu em seu *Liber Trium Virorum et Trium Spiritualium Virginum* (1513) obras das místicas Hildegard de Bingen, Elizabeth de Schonau e Mechthild de Hackenborn, D’Etaples achou necessário ‘defender [a inclusão de] os textos das mulheres argumentando que mulheres pudessem experimentar visões autênticas da mesma forma como os homens e que tinham feito isso desde os primeiros dias da Igreja”. Seu original em latim (CARTHUSIANUS, 1484-1485) tinha sido traduzido para o francês em 1531 como *Le miroir de l’âme pécheresse*, o que lembra a poesia de Jeanne d’Albret.

²³ A inovação de Mechthild está em sua aplicação do canto de *Minne* ou do trovador para descrever a relação entre a mulher e Cristo; a contribuição de Gertrudes, em articular a experiência da transverberação do coração. A maioria dos louvores contemporâneos, enquanto articulam a paixão da pessoa por Cristo, seguem o modelo literário de Mechthild.

própria da religião do coração uma forma de se expressar, o que faz desse livro emblemático, em mais um sentido, um “ícone” da espiritualidade protestante, a saber, quanto à sua valorização do sacerdócio universal.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em continuidade a Lutero e Calvino, e sua releitura da *religio cordis* de forma não misticista, mas de uma espiritualidade de prática, Montenay apropria-se do novo *genre* dos livros emblemáticos e sua combinação do elemento figurativo com o elemento reflexivo. Através dele, articula a fé protestante em sua ênfase no ser humano colocado por Deus no mundo, de forma responsável, aberto para o transcendente e fundamentado na graça divina, conduzindo assim os seus passos a partir de uma interação reflexiva e compreensiva. Não o sentir ou a paixão são ou estão no foco dos seus emblemas, nem o inexpressável mistério de Deus com o qual se une no êxtase. No centro da sua representação, está o profundo saber da presença de Deus na vida por revelação como base da importância da própria presença humana no mundo. O fato de essas afirmações teológicas se apresentarem em um ambiente calvinista de forma imagética e de serem criação de uma mulher amplia de modo significativo a ideia da fase inicial do próprio calvinismo. Mostra-se a sua capacidade de se apropriar criativamente de uma das expressões mais características do humanismo renascentista e sublinha-se a importância de mulheres desde o seu início da construção do seu discurso religioso e na divulgação das suas convicções.

THE VANGUARD *EMBLÈMES* OU *DEVICES CHRESTIENNES* OF GEORGETTE DE MONTENAY: AN CALVINIST IMAGÉ TIC *RELIGIO CORDIS*

ABSTRACT

This essay introduces the book *Emblèmes or devises chrestiennes* of Georgette Montenay as an extraordinary female voice in the initial phase of Calvinism,

with its reinterpretation of the *religio cordis* in the tradition of Luther and Calvin in form of an Emblem Book. With this, the bridesmaid of Jeanne d'Albret, Queen of Navarre, presents Protestant emphasis to humanist and aristocrats circles in a time when the French society was discussing its religious future. Behind the text appears a modern woman, assuming her role in history, competent in her dominion of a new communication technique and clear in her articulation of a theological position.

KEYWORDS

Calvinism; Georgette of Montenay; emblem books; *emblèmes chrestiennes* or *devises*; protestant woman.

REFERÊNCIAS

ADAMS, A. *Webs of allusion: French protestant emblem books of the sixteenth century*. Geneva: Droz, 2003.

ALCIATI, A. *Emblemata: cum commentariis, quibus emblematum omnium aperta origine, mens auctoris explicatur, et obscura omnia dubiaque illustrantur: Per Claudium Minoem Diuionensem*. 3. Ed. Antverpiae: Ex officina Christophori Plantini, 1548. 732 p.

ALCIATI. Emblema 1. 1589. Disponível em: <<http://archive.org/download/omniaandreaeand00alci/omniaandreaeand00alci.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

ALCIATI, A. (1492-1550). In: *Corpus Automatum Multiplex Electorum Neolatinitatis Auctorum* (CAMENA). Universidade Mannheim, Alemanha. Disponível em: <http://www.uni-mannheim.de/mateo/itali/autoren/alciati_itali.html>. Acesso em: 20 jul. 2012.

ALVES, R. *O enigma da religião*. Petrópolis: Vozes, 1975.

BOMBASSARO, L. C. Imagem e conceito: a experiência do pensar nos emblemas da Renascença. *Conexão, Comunicação e Cultura*, v. 5, n. 9, p. 83-95, jan./jun. 2006.

BRANDÃO, A. J. de S. O gênero emblemático. *Travessias*, v. 3, n. 3, p. 124-138, 2009. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3440/2734>>. Acesso: 10 jul. 2010.

BRUNNER, E. *The Christian doctrine of creation and redemption*. Dogmatics. Tradução Olive Wyon. Philadelphia: The Westminster Press, 2002. v. 2, 372 p.

CADIX, M. Le calvinisme et l'expérience religieuse. In: Société de l'Histoire du Protestantisme Français, v. 84, p. 172-190, jul.-set. 1935.

CALVIN, J. *Letters of John Calvin*. Compilados dos manuscritos originais e editados por Jules Bonnet. v. 4. Philadelphia: Presbyterian Board of Publication, 1835.

CALVIN. Minds in the making. Disponível em: <http://www.calvin.edu/about/the-seal.html#_ftnref3>. Acesso em: 20 mar. 2012.

CARTHUSIANUS, D. *Speculum animæ peccatricis*. Bréhan-Loudéac: Robin Fouquet et Jean Crès, 1484-1485.

DOUMERGUE, É. *Iconographie Calvinienne*. Lausanne: George Bridel & Cie Éditeurs, 1909.

GROSSE, S.; SIERSZYN, A. (Ed.). *Johannes Calvin: streiflichter auf den menschen und theologen*. Verlag: Lit Verlag, 2011. 148 p.

HAEFTEN, B. van. *Hertzen Schuel oder des von Gott abgeführten Herzens, Widerbringung zu Gott und Underweisung*. Lateinisch beschriben, nun aber verteutschet Durch Carolvm Stengelivm. Ed. eletrônica. Augspurg: Weh, 1664. Disponível em: <<http://diglib.hab.de/drucke/li-3284/start.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

HENRY, P. *The life and times of John Calvin, the great reformer*. Tradução Henry Stebbing. Londres: Whittaker, 1853. v. 2.

LUTHER, M. Vorlesung über den Römerbrief 1515/1516. In: BORCHERDT, H. H.; MERZ G. (eds.). *Ausgewählte Werke*. Tradução E. Elwein 3. Ed. München: Kaiser, 1968. 536 p. 2. v. complementar.

MATHEWS-GRIECO, S. F. *Georgette de Montenay: a different voice in sixteenth century emblematics*, *Renaissance Quarterly*, IV, p. 283-370, 1994, 34 illus.

McKEE, E. A. (Ed.). *Writings on pastoral piety of John Calvin*. Tradução Elsie Anne McKee. Nova York: Paulist Press, 2001. 360 p.

MENOZZI, D. *Sacro cuore: um culto tra devocione interiore e restaurazione cristiane della societ *. Roma: Viella, 2001.

MONTENAY, G. de. *Embl mes ou devises chrestiennes*. 1570. Disponível em: <<http://ia600300.us.archive.org/28/items/georgiaemontanea00mont/georgiaemontanea00mont.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

PARTEE, C. *The theology of John Calvin*. Westminster: John Knox, 2008. 376p.

PROBES, C. M. *Mundus imago Dei est: the spirituality of the emblemist of the french renaissance*. *Reformation & Renaissance Review*, v. 11, n. 2, p. 165-180, jul./dez. 2009.

RENDERS, H. Deus, o ser humano e o mundo nas linguagens imagéticas da religião do cora o: códigos e projetos. *Pistis & Práxis*, v. 1, n. 2, p. 373-413, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PISTIS?dd1=2720&dd99=view>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

RENDERS, H. *Raízes, projetos, mentalidades e perspectivas da religião "cordial" do Brasil: uma viagem em busca da alma brasileira*. Relatório de pós-doutorado, Programa de P s-Gradua o em Ciências da Religião Universidade Federal de Juiz de Fora. 2011. 252 p.

REYNOLDS-CORNELL, R. (Ed.). *Witnessing an era: Georgette de Montenay and the Embl mes ou devises chrestiennes*. Birmingham: Summa Publications, 1987.

RUSSEL, D. S. Alciati's emblems in renaissance France. *Renaissance Quarterly*, v. 34, n. 4, p. 534-554, inverno 1981.

SELDERHUIS, H. J. *John Calvin: a pilgrim's life*. Nottingham: Inter Varsity Press, 2009. 287p.

SELO ORIGINAL de Lutero de 1530. Disponível em: <<http://cyberbrethren.com/wp-content/uploads/2009/05/luthslg.gif>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

SELO PESSOAL de Calvino de 1540. *Calvin Mind and Thinking*. Disponível em: <<http://www.calvin.edu/about/the-seal.html>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

SELO DE CALVINO de 2009. Disponível em: <<http://dennisyam.files.wordpress.com/2008/07/logofinal1.jpg?w=300&h=300>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

SOMMERS, P. The mirror and its reflections: Marguerite de Navarre's biblical feminism. *Tulsa Studies in Women's Literature*, v. 5, n. 1, p. 29-39, primavera 1986.

STRONKS, E. Literature and the shaping of religious identities: the case of the Protestant religious emblem in the Dutch Republic. *History of Religions*, v. 49, n. 3, p. 219-233, fev. 2010. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.1086/651990>>. Acesso em: 2 dez. 2011.

WEISS, B. *Die deutschen Mystikerinnen und ihr Gottesbild: das Gottesbild der deutschen Mystikerinnen auf dem Hintergrund der Mönchstheologie. Der strenge und gerechte Gott. Die Liebe Gottes. Die Schönheit Gottes und andere Attribute*. Paderborn: Schöningh, 2004. v. 3, 657 p.

WIERIX, A. *Cor Iesv amanti sacrum*. Antuerpia: 1585/1586.